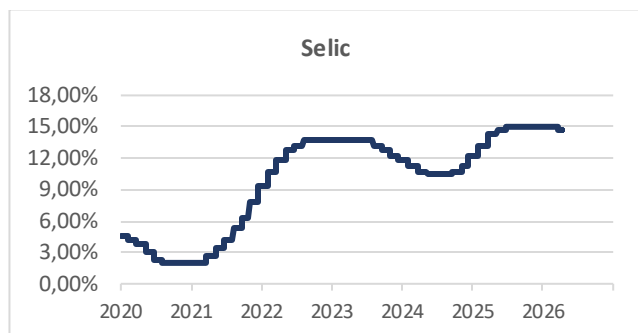


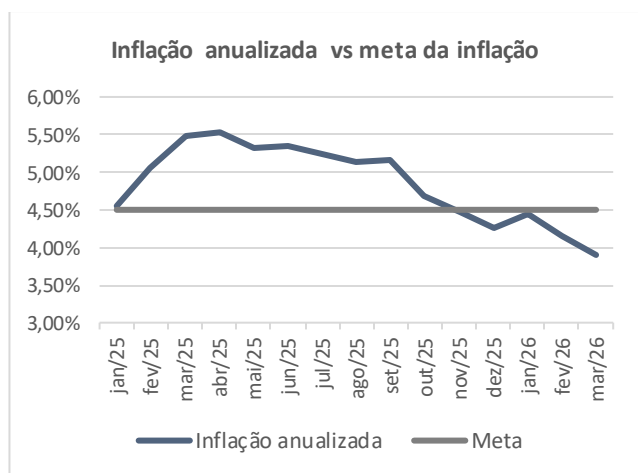
## CENÁRIO MACRO BRASIL

No mês de março, o Comitê de Política Monetária (Copom) decidiu cortar em 0,25 ponto percentual a taxa básica de juros (Selic), levando a um patamar de 14,75% ao ano, decisão amplamente esperada, porém, um pouco mais conservadora do que parte do mercado projetava. Desde junho de 2025, a Selic estava em 15% ao ano, o maior nível em quase 20 anos.



Em seu comunicado, o Banco Central destacou a necessidade de cautela na condução da política monetária, diante de riscos inflacionários associados, principalmente, aos conflitos internacionais, com destaque para a alta do petróleo e sinais de desaceleração da atividade econômica e seus efeitos sobre o nível de preços. Além disso, o Comitê reforçou que a decisão é compatível com a estratégia de convergência da inflação para a meta, buscando equilibrar o controle inflacionário com a suavização das oscilações da atividade econômica.

Em março, a prévia da inflação oficial, medida pelo IPCA-15, registrou alta de 0,44% segundo o IBGE, ficando abaixo dos 0,84% no mês de fevereiro. Com esse resultado, o IPCA-15 passou a acumular 3,90% em 12 meses. O resultado segue acima da meta do Banco Central de 3%, porém, dentro do limite superior. O acumulado do mês é menor do que os 4,14% registrados em fevereiro.



No mercado de câmbio, o dólar encerrou o mês com uma alta de 1,23% frente ao real, atingindo o mínimo de R\$5,12 e o máximo de R\$5,33, fechando o mês em R\$5,19.

No mercado local, o Ibovespa (principal índice de ações da Bolsa do Brasil) registrou a primeira queda mensal desde julho de 2025, encerrando o mês com uma baixa de -0,70% fechando aos 187.461 pontos. O movimento de baixa foi influenciado pela aversão a risco global com a guerra dos Estados Unidos e de Israel contra o Irã. Apesar da queda, o índice encerrou o primeiro trimestre de 2026 com uma alta acumulada de 16,35%.

O mês foi marcado por uma forte performance do setor de petróleo e energia, impulsionado pela alta das commodities no mercado internacional e por movimentos de fusão e aquisição no setor. No período, 5 papéis registraram valorização superior a 10%. Entre os destaques positivos estiveram Petrobras (PETR3 e PETR4) com valorização de +25,27% e +23,19%, Prio (PRIO3) fechando o mês com +22,24%, Eneva (ENEV3) com +14,67% e Ultrapar (UGPA3) com +10,85%. Em contrapartida, ações da CSN (CSNA3) se destacam com desvalorização de -26,57% após a divulgação dos resultados trimestrais, MRV (MRVE3) com -23,05%, Minerva (BEEF3) caindo -18,77% e Vivara (VIVA3) com baixa de -17,40%.

No mês de março:

- Selic: 14,75%
- IPCA: +0,44% (Acumulado de 3,90% em 12 meses)
- Ibovespa: -0,70% (187.461 pontos)

No ambiente corporativo, o GPA (PCAR3), dona das redes Pão de Açúcar e Extra, protocolou um pedido de recuperação extrajudicial para renegociar cerca de R\$4,5 bilhões em dívidas e alongar prazos de pagamento. O movimento reflete um ambiente ainda desafiador para empresas alavancadas, especialmente em um cenário de juros ainda muito elevados. O pedido já era algo esperado por parte do mercado.

No setor bancário, o Banco Central decretou a liquidação extrajudicial do Banco Master Múltiplo S.A. A instituição pertencente ao Conglomerado Master que estava em Regime de Administração Especial Temporária (RAET), visando viabilizar a continuidade dos negócios da sua controladora Will Financeira.

Em paralelo, o FGC iniciou o pagamento de garantia aos credores do Banco Pleno (Instituição liquidada pelo Banco Central em fevereiro de 2026), beneficiando 152 mil credores somando um valor total de R\$4,8 bilhões.

## CENÁRIO MACRO GLOBAL

Nos Estados Unidos, o Federal Reserve manteve a taxa de juros inalterada pelo segundo mês consecutivo, na faixa de 3,50% a 3,75% ao ano, reforçando uma postura cautelosa diante do aumento das incertezas no cenário global. O principal fator de atenção foi a escalada do conflito no Oriente Médio, que impulsionou os preços do petróleo e elevou as preocupações com seus potenciais impactos inflacionários no curto prazo. Apesar disso, a autoridade monetária segue sinalizando a possibilidade de ao menos um corte de juros ao longo de 2026, mantendo flexibilidade para ajustar a condução da política monetária conforme a evolução dos dados.

A inflação ao consumidor apresentou leve aceleração em fevereiro, com alta de 0,3% no mês e 2,4% em 12 meses, permanecendo acima da meta de 2% do Fed. O movimento foi impulsionado, principalmente, pelo aumento expressivo nos preços de energia, em especial da gasolina, refletindo os desdobramentos do conflito geopolítico. Adicionalmente, a inflação segue pressionada por efeitos remanescentes das tarifas de importação, o que contribui para um cenário de maior persistência inflacionária e reforça a necessidade de cautela por parte do banco central.

No mercado de juros, os rendimentos dos *Treasuries* apresentaram abertura relevante ao longo de março, com

a taxa dos títulos de 10 anos avançando de 3,95% para 4,32%. O movimento reflete a combinação entre o choque de energia, o aumento das expectativas de inflação e a consequente redução das apostas do mercado em cortes de juros no curto prazo. Esse ambiente também contribuiu para o fortalecimento do dólar, adicionando pressão sobre os mercados globais.

Por outro lado, o mercado de trabalho começou a dar sinais mais claros de desaceleração. Em fevereiro, houve perda líquida de vagas, surpreendendo negativamente as expectativas, enquanto a taxa de desemprego avançou para 4,4%. O aumento da parcela de desempregados de longa duração reforça a leitura de um mercado de trabalho menos aquecido, o que pode, à frente, contribuir para uma moderação das pressões inflacionárias.

Por fim, os ativos alternativos apresentaram comportamento atípico no período. Mesmo em um ambiente de maior incerteza geopolítica, classes tradicionalmente vistas como porto seguro, como ouro e prata, além do bitcoin, registraram quedas relevantes. O movimento foi explicado, principalmente, pela elevação dos juros longos e pelo fortalecimento do dólar, que reduziram a atratividade relativa desses ativos, evidenciando a predominância de fatores macroeconômicos sobre a dinâmica tradicional de aversão ao risco.

## VISÃO GERAL NEWPORT

Em março, diminuimos a nossa exposição em renda fixa pré-fixada para *Underweight* e reduzimos exposição de ações Brasil e ações *offshore* para neutro. Em contrapartida, as classes de renda fixa pós-fixada, renda fixa IPCA, *bonds* e fundos imobiliários não sofreram alterações, permanecendo *Overweight*. Optamos por manter uma postura equilibrada diante das incertezas do cenário macroeconômico local e internacional, mediante as ameaças inflacionárias no Brasil e conflitos geopolíticos no exterior. Seguimos atentos a todas as movimentações do mercado.

Nós, do time de investimentos, ficamos à disposição para maiores esclarecimentos.

NEWPORT -CAPITAL-	UW	Neutro	OW	Varição
	-	N	+	
Renda Fixa Pré	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	▼
Renda Fixa Pós	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	▬
Renda Fixa IPCA	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	▬
Multimercado	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	▬
Ações Brasil	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	▼
Ações Offshore	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	▼
Bonds	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	▬
FII	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	▬

### LEGENDA:

UW = Underweight

Reduziu



OW = Overweight

Manteve



N = Neutro

Aumentou

